

Entre o local e o global: as redes de parcerias e a constituição da visibilidade religiosa na Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM-Rio)

Between the local and the global: partnership networks and the constitution of religious visibility in the Church of the Metropolitan Community of Rio de Janeiro (ICM-Rio)

Pedro Costa Azevedo

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

O presente artigo analisa a circulação de representantes religiosos, imagens e ideias ligadas à Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) nos EUA, com maior enfoque nas atividades desenvolvidas na filial carioca, no período de 2019. Busco mostrar etnograficamente a manutenção de relações transnacionais que possibilitam a criação de uma agenda de medidas e estratégias comuns de atuação religiosa. Inicialmente o intercâmbio entre o local e o global será mobilizado através da ida das lideranças da ICM-Rio de Janeiro à *Conferência Geral da Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches* (UFMCC), sediada na Flórida (EUA). Em um segundo momento, abordarei a recepção da moderadora geral da UFMCC, cargo primaz da instituição religiosa, à ICM-Rio. Além desses eventos, os cultos dominicais, material digital e outras atividades também foram acionados para entender a constituição de uma trajetória institucional compartilhada entre a igreja local e as atuações e representações da ICM em nível global. Foi possível compreender um ativismo político na ICM-Rio atrelado às questões de gênero, sexualidade e étnico-raciais, através do enfrentamento ao HIV-Aids e de práticas antirracistas. Concluo que essa atuação local estabelece redes de parcerias que possibilitam a legitimidade e a visibilidade da instituição religiosa no espaço público.

Palavras-chave: ICM-Rio, Religião, Ativismo político.

Recebido em 26 de outubro de 2022.
Avaliador A: 11 de janeiro de 2023.
Avalador B: 18 de janeiro de 2023.
Aceito em 31 de maio de 2023.



ABSTRACT

In this article I intend to analyze the circulation of religious representatives, images and ideas linked to the Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) in the USA and Brazil, with a greater focus on the activities carried out with its Rio de Janeiro branch in 2019. I seek to show through an ethnography the maintenance of transnational relations that enable the creation of an agenda of engaged religious actions and common strategies. Initially, the exchange between the local and the global will be mobilized through the ICM-Rio de Janeiro leaders going to the *General Conference of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches* (UFMCC), based in Florida (USA). In a second moment, I will address the reception of the general moderator of UFMCC, the primary position of the religious institution, at ICM-Rio. In addition to these events, Sunday services, digital material and other activities were also used to understand the constitution of an institutional trajectory by the local church and the actions and representations of ICM at a global level. It was possible to understand political activism at ICM-Rio linked to gender, sexuality and ethnic-racial issues, through confronting HIV-Aids and anti-racist practices. I conclude that this local action establishes networks of partnerships that allow the religious institution to constitute its legitimacy and visibility in the public space.

Keywords: ICM-Rio, Religion, Political-activism.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a circulação de lideranças, imagens e ideias religiosas nacionais e globais ligadas à Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM). De origem norte-americana, a *Metropolitan Community Church* (MCC)¹ foi fundada em 1968 pelo pastor pentecostal Troy Perry após sua orientação sexual se tornar conhecida pela denominação religiosa que integrava à época (Natividade, 2008). Presente em diferentes países², a expansão da MCC está diretamente

1 Ao longo do texto utilizo a sigla MCC, proveniente da língua inglesa, para me referir ao movimento global da denominação, em contraponto à sigla ICM, em sua tradução para a língua portuguesa, referência à denominação brasileira.

2 As filiais da *Metropolitan Community* estão localizadas em diferentes países e continentes: África do Sul (1) e Quênia (1), na África; Nova Zelândia (2) e Austrália (5), na Oceania; Filipinas (3) e Coreia do Sul (1), na Ásia; Estados Unidos (127), Canadá (2) e México (4), na América do Norte; Argentina (3), Chile (1), Colômbia (1), Brasil (14) e Uruguai (1), na América do Sul; República Dominicana (1), Cuba (1), El Salvador (1) e Porto Rico, na América Central; Espanha (1), Finlândia, Alemanha (3) Itália (1) Reino Unido, Inglaterra (10) e Escócia (2), na Europa.

relacionada à adaptação de sua forma de atuação de acordo com as mudanças no contexto social, principalmente quanto a pautas ligadas aos sujeitos e movimentos LGBTQIA+³, como o estigma do HIV-Aids, questões de pessoas transexuais e travestis, questões de raça e direitos matrimoniais (Wilcox, 2001). As primeiras tentativas de trazer a MCC para o Brasil datam da década de 2000, mas somente se concretizaram em 2003, quando uma rede de homossexuais na cidade do Rio de Janeiro entrou em contato com as lideranças internacionais da MCC⁴ (Natividade, 2008). Esse primeiro contato por meio de sites eletrônicos viabilizou duas Conferências da Igreja da Comunidade Metropolitana no Brasil, que contaram com a visita de lideranças da instituição norte-americana, entre os anos de 2004 e 2005. Tal iniciativa procurou, como afirma Marcelo Natividade (2008), sondar as visões, os valores e os projetos políticos e teológicos locais com os princípios da organização. No ano de 2005, esse processo de filiação cessou após uma cisão interna⁵, concretizando-se somente no ano de 2010, quando assumiu a nomenclatura ICM-Rio. Desde então, observa-se uma estreita relação entre os dirigentes globais da MCC e as lideranças religiosas da ICM-Rio, expressa na circulação de ações e formas de mobilização transnacional.

A ICM-Rio se autodeclara uma instituição religiosa “afirmativa da diversidade”, aceção que procura “celebrar” e legitimar o exercício de sexualidades LGBTQIA+ como mecanismo de autorreconhecimento, ao construir uma autoimagem positiva da diversidade sexual sem abrir mão da vida religiosa (Natividade, 2008). Esse posicionamento religioso da instituição carioca está diretamente relacionado ao engajamento experimentado em seu contexto social específico, uma vez que também está articulado com um projeto de atuação em rede transnacional de igrejas vinculadas à MCC. De que forma, então, a experiência local de pessoas, imagens e ideais localizados possibilitam a constituição de um projeto de atuação institucional desterritorializado? Como as ações são mobilizadas na localidade possibilitam articulações transnacionais inviáveis anteriormente? A partir desses questionamentos proponho entender a circulação de lideranças, imagens e ideias religiosas ligadas a uma rede religiosa transnacional.

3 A sigla LGBTQIA+ é uma referência a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexo e assexuais mais (+) outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Padronizei no decorrer da tese a sigla LGBTQIA+. A utilização dessa sigla identitária tem relação com o contexto da pesquisa e com o termo êmico de meus interlocutores.

4 Formaram células organizadas quinzenalmente na Tijuca (Zona Norte) e em Bangu (Zona Oeste), a partir das discussões de possíveis “linhas de ação”, de modo que “seus encontros já tomavam forma de pequenos cultos” (NATIVIDADE, 2008, p. 149).

5 A partir de 2005, essa rede de homossexuais se divide em dois grupos, parte deles buscando uma nova identidade religiosa, alegando, assim, uma visão da MCC como “coisa de americano”, que fazia “igreja para gay”, “igreja para negros” (Natividade, 2008, p. 150). A partir da liderança de Marcos Gladstone, um desses grupos formou a Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Por sua vez, o outro grupo permaneceu independente como Igreja Betel.

O trabalho de campo foi realizado ao longo do ano de 2019. Inspirado por uma etnografia sensível aos *arquivos de realidades vividas* (Appadurai, 2004), os dados etnográficos aqui expostos são provenientes dos cultos dominicais, da ida de lideranças da ICM-Rio para a Conferência Geral da MCC nos EUA, das atividades como a visita da moderadora à igreja carioca e das conversas no final dos cultos entre lideranças religiosas e a membresia. Os discursos nos cultos dominicais se fazem relevantes para emergir os pontos em que as histórias da igreja norte-americana e da ICM-Rio se encontram, segundo perspectiva das lideranças. Outros pontos dessa história compartilhada foram trazidos, pelas lideranças, nas conversas ao final do culto. Esses espaços de interação estavam atravessados por representações individuais e coletivas compartilhadas e significadas pelas lideranças religiosas da ICM-Rio a respeito de uma trajetória da MCC. Para tal empreitada, utilizei o caderno de campo para sistematizar os discursos proferidos em diferentes momentos, os deslocamentos entre lideranças religiosas e os documentos e biografias de lideranças religiosas produzidos pelo *site* da MCC. Esse material empírico está carregado de representações de pessoas, imagens e ideias em uma etnografia de vidas imaginadas em localidade (Appadurai, 2004).

A circulação de lideranças religiosas será observada na participação da comitiva de lideranças brasileiras na Conferência Geral da MCC, na Flórida (EUA). Nessa ocasião, delegados/membros e clérigos escolhem a posição de moderador. Tal ocupação está relacionada ao cargo primaz da instituição e é responsável por articular ações locais e transnacionais nas igrejas ligadas à MCC. A vinculação entre o local e o global foi traçada em um documento de escuta das igrejas locais, elaborado de forma digital e presencial e disponibilizado no site da MCC. Essa forma de comunicação digital também foi observada nos vídeos de lideranças transnacionais endereçados à ICM-Rio pelo seu 13º aniversário. Essa parceria foi reafirmada meses depois, com a visita da recém-moderadora Cecilia Eggleston à ICM-Rio. No bojo dessa circulação, o capital político das lideranças religiosas passa a ser de grande relevância, principalmente quando elas mobilizam sua própria experiência e suas histórias pessoais (Silva, 2020).

A recepção à moderadora será abordada em atenção à circulação das lideranças religiosas, sobretudo na reafirmação das parcerias e entre o local e o global. Na ocasião, as lideranças da ICM-Rio puderam apresentar suas formas de atuação religiosa ao mobilizar uma agenda de políticas públicas, como no caso do HIV-Aids, e o combate ao racismo na sociedade brasileira. Essa sequência de acontecimentos será descrita na segunda parte do presente trabalho. A trajetória da moderadora disponível no site da denominação também será articulada para demonstrar a sua atuação institucional na MCC. Buscarei ao longo do artigo compreender como

comunidades religiosas localizadas constituem formas de ação e mobilização, e como articulam redes de parcerias transnacionais.

DO "LOCAL" PARA O "GLOBAL"

No dia 28 de junho de 2019, o pastor Luiz Gustavo e o então tesoureiro Leonardo Rossetti, representantes da ICM-Rio, embarcaram em uma viagem rumo à Flórida, nos Estados Unidos da América (EUA), para participar da XXVII *Conferência Geral da Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches (UFMCC)*⁶. A ida desses representantes teria, entre outros objetivos, a escolha da futura moderadora das igrejas filiadas à MCC. Com ocorrência a cada três anos, em 2019 ela ocorreu entre os dias 1º e 5 de julho para comemorar os 50 anos da fundação da UFMCC⁷. No plano de investigação *on-line*, a MCC havia construído uma programação voltada a grupos de lideranças religiosas e membros, que puderam se inscrever e, uma vez selecionados, receber bolsas de estudos (custeio) para a participação no evento. A justificativa dada para o financiamento, segundo o *site* da MCC, era compor uma identidade global religiosa inclusiva para o investimento de lideranças internacionais na construção de um novo movimento global, além da promoção de ações de impacto em nível internacional. No Brasil, não apenas as lideranças da ICM-Rio de Janeiro foram selecionadas, mas também a então pastora Alexya Salvador⁸ e o reverendo Cristiano Valério⁹, lideranças de São Paulo, para a participação da Conferência Geral da MCC, no ano de 2019. A ida desses representantes das igrejas brasileiras se deu através de bolsas de estudo concedidas pela MCC às lideranças locais.

⁶ Disponível em: <https://www.mccchurch.org/general-conference-xxvii/>. Acesso em: 20 set. 2019.

⁷ De acordo com os arquivos da Universidade do Sul da Califórnia, foi também nos anos 1970 que tiveram início as conferências gerais das irmandades das Igrejas das Comunidades Metropolitanas. É nelas que são escolhidos os moderadores, responsáveis pelas ações envolvendo filiais da instituição ao redor do mundo. Sob a liderança do seu fundador, na primeira Conferência Geral dos Anciãos (*Elders*), que compunham o Conselho Geral, trouxeram os moderadores eleitos através do voto dos delegados/membros e dos clérigos. Disponível em: <https://one.usc.edu/archive-location/reverend-troy-perrys-metropolitan-community-church>. Acesso em: 22 maio 2019.

⁸ À época ela era a pastora da denominação, mas atualmente ocupa a posição de reverenda. A pastora Alexya Salvador, a primeira mulher transgênero do Brasil, pedagoga, mãe e duas vezes candidata ao legislativo paulista, pode ser lida pela produção de visibilidade que converge a função religiosa e função política através de sua fala pública, uma vez que desloca os "discursos tradicionalmente silenciados" na promoção de seus posicionamentos e da própria instituição religiosa (Montero *et al.*, 2018).

⁹ Cabe destacar a representatividade de Cristiano Valério na participação da primeira Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Crossdressers e Transexuais (GLBT), realizada em Brasília, em junho de 2008. Dada a sua função eclesial de coordenação das igrejas brasileiras ligadas à ICM, também foi missionário na implementação da igreja em Cuba no ano de 2016 (Silva, 2020).

Em relação à Conferência Geral, na ocasião foi apresentado um plano de metas¹⁰ de atuação a partir de um levantamento feito entre membros e lideranças nos EUA, no continente europeu, em Toronto (Canadá) e no retiro nacional das igrejas mexicanas e brasileiras entre os anos de 2017 e 2018 (MCC, 2019a). Disponível no *site* da MCC, o documento originado desse levantamento foi agrupado de acordo com as declarações em fóruns virtuais e presenciais, bem como uma pesquisa *on-line* anônima com suas lideranças e sua membresia¹¹. Segundo o *site* da MCC, 500 pessoas participaram da pesquisa, relatando 2 mil comentários elaborados acerca de quatro perguntas divididas em três temáticas de análise: a) um eixo pessoal: “O que a MCC significa para você hoje?”; b) outro voltado à igreja local: “Qual é uma das melhores características da igreja local da MCC?” e “Qual é um dos maiores desafios da sua igreja local da MCC?; e c) outro voltado às considerações individuais sobre a participação dos pesquisados na instituição: “O que você precisaria da MCC nos próximos três anos para seguir o chamado de Deus para ‘ser’ e ‘fazer’ ministério?” (MCC, 2019a).

Esse levantamento representou, segundo o documento, um plano de trabalho para ministérios e lideranças religiosas que proporcionava engajamento criativo, alinhamento com as mudanças necessárias e um acordo sobre o modo de mudar a cultura mais ampla da MCC (MCC, 2019a). A partir desse documento foi possível traçar estratégias na criação do Programa Internacional de Diversidade e Inclusão Global, de modo a “examinar, definir, melhorar e expandir a identidade da MCC¹², e fortalecer as redes digitais das igrejas¹³. As linhas de atuação traçadas no plano de metas, propaladas por ferramentas digitais e encontros, procuram criar condições de leitura, crítica e prazer coletivos permeadas pelas possibilidades de imaginar e sentir coisas em conjunto nessa *comunidade de sentimento* (Appadurai, 2004).

Na Conferência Geral também foi escolhida a moderadora, cargo primaz na hierarquia religiosa das igrejas filiadas à *Metropolitan Community Church*. A consulta elaborada com os representantes das igrejas locais ali presentes acabou por eleger Cecilia Eggleston para a posição de moderadora da instituição, motivada por sua trajetória institucional. Eggleston fundou a

10 Intitulado de *Listening Tour Report* (“Relatório de Turnê de Escuta”).

11 Segundo o relatório, a pesquisa gravou as respostas e as dividiu por temas e tópicos que foram agrupados em seis categorias gerais#: “igreja”, “comunidade”, “adoração”, “justiça”, “espiritual/espiritualidade” e “diversidade” (esses temas gerais foram classificados em subcategorias de sentido). Disponível em: <https://www.mccchurch.org/listening-tour-report-part-3-path-forward/> Acesso em: 20 mar. 2020.

12 Campanhas de *marketing* de ministérios e igrejas locais para: demonstrar o impacto nas comunidades globais da MCC, demarcar e enfatizar a diferença dos termos “libertação” e “afirmação”, principalmente em localidades e igrejas mais liberais ou progressistas; e demonstrar a memória da MCC através de áudios, vídeos e documentos e de sua publicidade em mídias digitais (MCC, 2019a).

13 Estabelecer redes de internet que possibilitem a colaboração entre igrejas locais (MCC, 2019a).

MCC *Northern Lights* e foi pastora da igreja durante nove anos, na cidade de *Sheffield*, no Reino Unido, onde nasceu. Segundo a descrição no *site* da MCC, em seus 30 anos de trajetória na instituição, Eggleston pôde compartilhar o serviço religioso com Troy Perry e a bispa reverenda Nancy Wilson¹⁴, sua antecessora no cargo. Antes de ocupar aquela posição de moderadora da instituição, também foi coordenadora distrital europeia e *elder* regional no diálogo com as igrejas na Europa Ocidental e na África. Nesse mesmo *site*, o currículo da moderadora é apresentado a partir de sua experiência religiosa e secular, destacando sua liderança no Programa Estratégico da MCC para a Parada LGBTQIA+ *Newcastle Pride*, exercida duas vezes, e nos eventos públicos como o *Dia Internacional da Mulher* e o *Dia mundial da AIDS*¹⁵.

Mobilizar esses percursos, como diz Appadurai (2004, p. 79), faz parte das “biografias de gente comum que são construções (ou fabricações) em que a imaginação desempenha um papel importante”. Por sua vez, a divulgação perpassa a construção e a consolidação de *algo maior que a vida* e que é *próximo da vida*, como no caso de uma biografia imaginada (Appadurai, 2004). No caso aqui analisado, a biografia da moderadora se constitui a partir de sua vivência internacional, expandindo um projeto de instituição religiosa em curso, algo maior que a vida, e aproximando da vida essas formas de ação e mobilização individual e coletiva. Essa *biografia imaginada* da moderadora toma amplitude através dos meios de comunicação, como as páginas do *site* da MCC e nas redes sociais de sua membresia e suas lideranças religiosas. Essa forma de transportar informações como o currículo da moderadora está atrelada a uma rede comunicacional de plataformas que produzem e disputam múltiplos discursos e significados de *agentes contextuais e historicamente situados* (Silva, 2020). Desse modo, a instituição religiosa procura construir lideranças públicas específicas, mas também abre espaço para um projeto moldado por cada uma dessas lideranças transnacionais (Silva, 2020).

14 A reverenda Nancy Wilson inicia sua trajetória na MCC-Boston em 1972, e foi ordenada como anciã (*elder*) em 1976. Entre 1993 e 2001, ficou no cargo de vice-moderadora geral da Fraternidade das Igrejas da Comunidade Metropolitana. Em 2005, foi eleita moderadora, após a aposentadoria do fundador da instituição Troy Perry, e reeleita no ano de 2010. Na descrição do *site* da MCC, a reverenda é a “primeira mulher a desempenhar esse papel desde a fundação” da instituição religiosa. Disponível em: <https://www.mcccurch.org/?s=rev+nancy+wilson>. Acesso em: 28 ago. 2020.

15 A sua atuação nesses dois planos circunscreve a elaboração de estratégias para desenvolver e facilitar ações comunitárias. Em sua viagem para Suazilândia, na África Oriental, Eggleston afirma que pôde observar as ações comunitárias dos agricultores de Suazilândia no enfrentamento à pobreza e, por sua eficácia, incorporando-as na sua luta por justiça social (MCC, 2019b).

No vídeo de divulgação da candidatura para a cadeira de moderadora (MCC, 2019b), a reverenda faz referência às formas de “agir em comunidade” para conferir a unidade, no estabelecimento e no crescimento das igrejas da Fraternidade da Comunidade Metropolitana em escala global. A experiência da moderadora enquanto liderança de igrejas na Europa e na África foi utilizada em sua campanha como exemplo de cooperação, de manutenção e de implementação da MCC em outras cidades e países. O trabalho religioso demarca as frentes de ação de sua candidatura, além de sinalizar para a circulação de um conjunto de ideias e práticas transnacionais a partir de processos e “forças sociais de ordem global que afetam o local” (Segato, 1997, p. 4).

A presença das lideranças da ICM-Rio na Conferência Geral perdurou depois que os líderes voltaram ao Brasil. Em agosto de 2019, líderes globais gravaram vídeos em felicitação ao aniversário de 13 anos¹⁶ da igreja carioca. Os depoimentos eram de lideranças como o reverendo Troy Perry, a reverenda Margarita Sanchez de Leon e a recente moderadora Cecília Eggleston. Dentre as lideranças religiosas que falaram naquela noite, a reverenda Margarida Sánchez de León, coordenadora das igrejas ibero-americanas¹⁷, teve relevância, por ser uma mulher negra, lésbica e porto-riquenha. A sua mensagem em vídeo tornou-se uma forma de representar a igreja carioca. Os vídeos transmitidos naquela noite relataram a “força profética” das igrejas filiadas à MCC pelo mundo, denunciando as injustiças sociais. Na plateia, as reações das lideranças locais e dos membros da ICM em relação às mensagens da noite tomaram tais atitudes como reconhecimento de suas atuações na cidade do Rio de Janeiro. Essa forma de utilizar a comunicação eletrônica das ações globais das filiadas à MCC pretende que o “indivíduo se imagine como projeto social em curso”, uma vez que constituem uma esfera pública permeada de ação e de contestação empreitada por indivíduos e grupos que procuram anexar suas práticas ao global (Appadurai, 2004, p. 15).

A representação de uma comunidade de sentimento também era observada nas conversas após os cultos ou nos encontros da escola dominical da ICM-Rio. Nesses espaços, as lideranças religiosas se referiam ao surgimento da MCC nos Estados Unidos e ao movimento de *Stonewall* como eventos importantes para ampliação da relação entre vida religiosa e diversidade sexual.

16 Tendo como referência o seu processo de filiação à *Metropolitan Community Church*.

17 Além de coordenar o Programa Ibero América no “escritório de ministérios emergentes”, a reverenda também é, segundo o site da MCC, decana acadêmica do *Instituto Darlene Garner de Formação Ibero-Americana* de Lideranças. Quanto a seu currículo acadêmico, o site da MCC a descreve como bacharel em arte e literatura pela *Universidade de Porto Rico*, mestre em religião pelo *Seminário Evangelista de Porto Rico* e doutora em Filosofia pela *Graduate Theological Foundation de Oklahoma* (EUA). No ano de 1996, foi pastora e fundadora da *MCC San Ruan*, em Porto Rico, onde também foi diretora executiva da Anistia Internacional pelos direitos humanos e direitos LGBTQIA+ (MCC, ano3).

Como destaca Melissa M. Wilcox (2003), o ato de resistência à violência policial no bar de *Stonewall* demarcou uma aproximação de membros homossexuais da Nova Organização de Esquerda e de grupos e organizações homófilas¹⁸ de *Nova York Mattachine Society e Bilitis's Daughters*, pautados em uma revolução homossexual. Em alguns anos, as demandas internas de radicalização dessas organizações e seu incipiente progresso resultaram no movimento *Gay Liberation Front*¹⁹ (Wilcox, 2003). No bojo desse movimento, Troy Perry era abordado, na fala das lideranças da ICM-Rio, como cofundador da “primeira Parada do Orgulho”²⁰.

Nos cultos e nas atividades também era comum que as lideranças religiosas da ICM-Rio mencionassem o fundador da igreja, Troy Perry, como aquele que teve um “chamado profético para abrir uma igreja que vai incluir a diversidade sexual lá em 1968”. (Natividade, 2008, p. 138). Esse “chamado profético” era comumente relacionado pelas lideranças da ICM-Rio à tentativa de suicídio de Troy Perry²¹. Afirmavam que essa experiência proporcionou o encontro do fundador com o “espírito de Deus”, personificado em uma mulher negra, que “profetizou” que ele sobreviveria para expandir seu ministério pelo mundo e “abençoar vidas”. Como analisa Melissa Wilcox (2001), a liderança de Troy Perry pode ser lida pela chave weberiana de compreensão dos novos movimentos religiosos. Nessa leitura da pesquisadora, aquele que recebe o chamado profético para fundar uma igreja ou um grupo pode ser entendido como um profeta ético, ou como um profeta exemplar, um líder por exemplo. A figura de Troy Perry, segundo Wilcox (2003), atravessa as duas tipologias dos tipos ideais de profeta.

Acionar a trajetória do fundador da MCC exerce uma fabricação feita por meio da imaginação e do contexto social de uma história presente na ação e na mobilização da comunidade local. A pregação do reverendo Cristiano Valério²², em um culto de ordenação

18 A política dos EUA dos anos de 1950 associava a homossexualidade ao socialismo e ao comunismo. As ações e pensamentos considerados subversivos eram tratadas com violência pelo estado. Por conseguinte, as organizações homófilas, em 1960, voltaram suas ações à educação, em vez do ativismo político, utilizando a estratégia de mediar sua atuação com grupos do governo e de pessoas influentes na sociedade norte-americana (Wilcox, 2003).

19 De cunho mais combativo, esse novo movimento propiciou o surgimento dos radicais culturais uniu identidade e orgulho homossexual, e agrupou os revolucionários preocupados em modificar o lugar dos homossexuais (lésbicas e gays) e das pessoas transexuais na sociedade estadunidense (Wilcox, 2003).

20 Segundo a organização sem fins lucrativos *Queer Maps*, essa iniciativa ocorreu um ano após a Revolta de *Stonewall*. Os grupos ativistas de Nova Iorque, Chicago e Los Angeles organizaram uma marcha. Foi Troy Perry que propôs o modelo de uma parada do orgulho (*Pride Parade*) nessa última cidade norte-americana, segundo organizadores citados no site *Queer Maps*. Disponível em: <http://queermaps.org>. Acesso em: 22 maio 2020.

21 Atribuída no site oficial da MCC ao fim de seu relacionamento afetivo e aquilo que se nomeou seu “chamado profético”. No entendimento de Troy Perry, no momento em que estava no hospital, após a tentativa de suicídio, recebeu a visita de uma mulher negra que pregou a ele a palavra de Deus, fazendo-o observar que a sua sexualidade não excluía o amor de Deus (MCC, 2004).

22 O reverendo coordena as igrejas da ICM no Brasil.

das novas lideranças da ICM-Rio, associou a Troy Perry a missão profética de fundar uma comunidade religiosa local, em um movimento global que busca “sacudir o planeta, [...] mexer a igreja, [...] denunciar as injustiças”. Em sua fala, as igrejas filiadas a MCC no território brasileiro, por exemplo, seriam um dos resultados desse “movimento profético”, iniciado no final da década 1960 nos EUA. Aramis Silva, ao analisar o discurso de Cristiano Valério, atenta para o uso da sua “experiência gay como uma estrutura para entender o lugar da religião para o mundo de hoje” (Silva, 2020, p. 80, tradução nossa). Esse posicionamento evidencia, na visão do pesquisador, um discurso que mantém “contornos hermenêuticos que conferem inteligibilidade à MCC como corpo de comunidades engajadas na produção e na experimentação de ideias civis e religiosas” (Silva, 2020, p. 82, tradução nossa).

Na continuação de seu sermão, o reverendo interpretou que a existência das igrejas filiadas a MCC no território brasileiro, por exemplo, seria um dos resultados desse “movimento profético” iniciado no final da década 1960 nos EUA. O atestado do cumprimento dessa inspiração divina, segundo o reverendo, concretizou-se na presença transnacional da MCC e, especificamente, em sua presença em São Paulo, Fortaleza (Ceará), Teresina, Cabedelo (Paraíba), Belo Horizonte e Rio de Janeiro²³.

No começo da década de 1970, segundo Karine Bárcenas Barajas (2020), a MCC teve um crescimento quantitativo de membros, igrejas e influência global, devido às suas ações como igreja cristã pela diversidade sexual e ativista pelos direitos LGBTQIA+. Segundo o *site* da MCC, a instituição religiosa está presente em diferentes países em meio a um público “curioso” e “incrédulo” que depara com uma religião que abre as portas para a diversidade sexual. As diretrizes de atuação da MCC, também de acordo com seu *site*, guiam-se a partir da salvação incondicional (independentemente de orientação sexual, identidade ou expressão de gênero); da noção de uma comunidade que abriga uma alternativa de “acolhimento” para muitas pessoas LGBTQIA+ expulsas de suas famílias de origem; e da ação religiosa voltada para o combate da opressão de grupos de pessoas negras, LGBTQIA+ e mulheres.

Nas conversas ao final dos cultos da ICM-Rio, membros que acabavam de ingressar na instituição faziam perguntas às lideranças sobre acontecimentos ligados à trajetória da MCC. A referência mais comum pautava o incêndio de duas denominações da MCC nas cidades de Los Angeles e Nashville (EUA), na década de 1970. Tal ocorrido aproximou o discurso das lideranças com o caso das igrejas negras que também foram queimadas nesse período nos EUA. Segundo Wilcox (2003), desde o início da instituição religiosa a MCC associa imagens de

²³ A presença das igrejas da ICM no âmbito nacional se torna flutuante, uma vez que muitas igrejas fecham, devido a questões financeiras ou internas.

“correntes e escravidão” à opressão de gays e lésbicas em seus boletins, além de fazer menção à figura de Marin Luther King Jr.

Outro ponto de contato apontado pelas lideranças da ICM-Rio foi o impacto da epidemia do HIV-Aids, que reconfigurou o quadro de liderança mundial da MCC. Na visão delas, passou a ter mais mulheres em cargos eclesiásticos nos EUA, em detrimento dos homens, últimos mais acometidos pela doença. O episódio de *Stonewall* também era indicado nessas conversas como uma ação relevante para a história da MCC, uma vez que se aproxima da própria atuação das lideranças fundadoras, que questionam o “conservadorismo” da sociedade norte-americana, sobretudo em relação ao HIV-Aids. O contexto do final do século XX e a luta da MCC em torno da epidemia de HIV-Aids, portanto, eram mobilizados pelas lideranças da ICM-Rio, que questionavam até mesmo a visão religiosa que encara o uso de preservativos como um “prazer”, não voltado à “reprodução” de homens e mulheres. Como relata Melissa Wilcox (2003, p. 343), os membros da denominação de São Francisco na Califórnia (EUA) lembravam à pesquisadora os “vários funerais a cada semana” no meado da década de 1980, embora o vírus do HIV e o método de infecção fossem conhecidos, havia poucos medicamentos disponíveis.

As histórias compartilhadas pelas lideranças da ICM-Rio em resposta às indagações de seus membros e ou frequentadores são permeadas pelos acontecimentos da matriz norte americana. Ao selecionar esses fragmentos da trajetória da MCC, as lideranças religiosas da ICM-Rio estão carregadas de experiências localizadas que possibilitam imaginar maneiras de ação e mobilização desterritorializadas. As lideranças religiosas compartilham histórias relativamente conhecidas, ao eleger lugares e espaços coletivamente atravessados por essas biografias imaginadas (Appadurai, 2004). Mobilizar essas diferentes bandeiras de atuação na trajetória da MCC estabelece um fluxo cultural que comunica a representatividade de sua figura fundadora, a imaginação de acontecimentos em sua história e as ideias que promovem uma forma de engajamento ao longo da trajetória da MCC.

DO “GLOBAL” PARA O “LOCAL”

No dia 9 de novembro de 2019, essa relação transnacional foi renovada em uma visita da MCC à ICM-Rio. Buscando a formação de uma nova equipe para fortalecer a rede de ação entre as igrejas filiadas à MCC, a reverenda e moderadora Cecilia Eggleston visitou o Brasil com sua esposa, Odina Organe. Durante os 15 dias de visita, entre os dias 5 e 20 de novembro, visitou a

ICM-Rio e teceu redes na ICM-São Paulo e no Retiro Nacional da ICM-Brasil, em Santa Luzia (MG). A visita ao Brasil fazia parte da agenda de campanha da recente moderadora, que pautava a expansão dos vínculos entre as igrejas locais e a expansão da denominação religiosa. Em sua visita à cidade de São Paulo, foi à Secretaria Estadual de Direitos Humanos e participou do jantar oferecido pelo projeto *Séfora's* destinado à inclusão religiosa de travestis e transexuais, realizado em parceria com a ICM-SP. No retiro nacional, participou das atividades e reuniões com lideranças nacionais, sempre ao lado de sua companheira Orgena Rose.

Antes de sua apresentação no templo da ICM-Rio, as lideranças fizeram um *tour* com a moderadora pelo centro da cidade do Rio de Janeiro. No caso da sua participação na ICM-Rio, os membros, “amigos” e lideranças disseram que a “primeira-dama”, Orgena Rose, “parecia ter nascido no Brasil”. Essa constatação se deu por se tratar de uma mulher negra, cantora e ativista dos direitos humanos. Com a presença de Orgena Rose, era inevitável recordar o recente caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, em março de 2018 – que tinha um casamento inter-racial e era uma mulher lésbica, negra, parlamentar e ativista dos direitos humanos – e fazer comparações com suas histórias de vida nos discursos das lideranças da ICM-Rio.

Na abertura de sua apresentação, a reverenda Cecilia Eggleston externou o seu contentamento e o de sua esposa, além de informar ao público que faria seu discurso na língua inglesa. A tradução de suas palavras foi feita pelo tesoureiro Leonardo Rossetti²⁴, responsável pela comunicação e pela tradução dos documentos, *e-mails*, mensagens pastorais e em reuniões com as lideranças globais da MCC. A moderadora iniciou sua fala naquela noite indagando como seria “viver na nossa tribo” (a ICM) a partir do “estilo de vida” brasileiro. Tentando responder essa pergunta, a moderadora propôs aos presentes uma dinâmica: as pessoas deviam se organizar em grupos compostos por no máximo quatro membros. Após a formação dos grupos, que totalizaram cinco, a moderadora perguntou sobre a experiência de viver na cidade do Rio de Janeiro. Para tal resposta cada grupo deveria apresentar três palavras que exprimem os significados desse contexto social. Após o consenso dos integrantes, foram apresentadas as seguintes palavras: “liberdade velada”, “hospitalidade”, “perigo”²⁵, “violência”, “tumulto”; “vulnerabilidade”, “praia”, “superação”, “luta”, “discriminação” e “correria”; “diferença”, “sexismo”, “beleza”, “desigualdade”, “amor” e “calor”²⁶.

Depois a moderadora pediu aos participantes que formulassem frases sobre o motivo de

24 Leonardo Rossetti foi nomeado presbítero da instituição religiosa alguns meses após a visita da moderadora.

25 A palavra “perigo” se repetiu nas respostas.

26 Algumas dessas palavras se repetiram.

cada pessoa se dirigir àquela instituição religiosa. A resposta do primeiro grupo foi: “Nós viemos por ser um lugar de resistência”; a do segundo foi: “Multiplicar as experiências com Deus”; a do terceiro foi: “A única igreja que aceita e bota no púlpito as mulheres transexuais, pessoas transexuais, intersexuais e travestis. Nenhuma [sic] igreja inclusiva que aceita transexuais, travestis e intersexuais.”; a do quarto foi: “Um lugar de desconstrução de quando a gente chega e construir sob uma nova visão”; e a do quinto grupo foi: “Um lugar seguro aonde nós viemos para orar e onde podemos ser nós mesmos em verdade” [sic].

Aproveitando o momento de reflexão, a reverenda perguntou: “Se vocês tivessem que dizer para outra comunidade [da ICM] do mundo algo de que você se orgulha [na sua igreja local]. O que vocês diriam?”. Pediu mais uma vez que os grupos respondessem à pergunta em uma frase. Primeiro grupo: “Pelo acolhimento e pela recepção que a igreja oferece, acolhendo as pessoas diferentes”; segundo grupo: “A radical inclusão”; terceiro grupo: “Liberdade de quem somos para adorar a Deus”; quarto grupo: “Três palavras: transparência, amor e resistência”; quinto grupo: “A comunidade que nós temos e a liberdade de sermos que [sic] nós somos”. A resposta da moderadora tomou a referência das igrejas vinculadas à MCC em diferentes continentes do globo. Remeteu-se também às múltiplas formas de atuação dessas denominações de acordo com o contexto social em que estão inseridas.

As respostas geradas e relatadas auxiliam a compreender as experiências individuais em um local, a cidade do Rio de Janeiro, e na comunidade religiosa. Ambas perpassam sentidos da *vida real* (Geertz, 2001) que consideram: a diversidade sexual; a violência urbana; o acolhimento pastoral e institucional; o engajamento político; a desigualdade social e o imaginário de lazer e valores. Essas percepções individuais nos auxiliam pensar a transnacionalização (o global incidindo no local) não como um processo “enlatado” e “chapado”, mas como uma paisagem particular que possui a diversidade própria da nação receptora (Segato, 1997). A interlocução da moderadora, segundo as pistas da autora, parece fornecer conteúdos relevantes localmente, para que ela entenda o léxico local segundo a pluralidade peculiar da ICM-Rio na diversidade brasileira. Desta forma, no evento de recepção a moderadora chama atenção para a troca e a representação simbólica imbricada no diálogo (Segato, 1997) entre as percepções locais e as que serão formuladas pela percepção da moderadora em sua interação no Brasil.

Segundo a interpretação da moderadora, essas respostas simbolizavam o espaço religioso da ICM-Rio como um “lugar de resistência” e “acolhimento” em oposição às relações de violência compartilhadas pela experiência individual. O ato de se dirigir à igreja, por exemplo, tornou-se na fala da moderadora o aprimoramento dos “dons” (“talentos individuais”) para gerar o “cuidado” com outras pessoas. A presença da ICM-Rio naquele contexto social, segundo o seu

entendimento, seria uma maneira de se sentir representado (“preenchido ou preenchida”) pela instituição. Mencionou que “andar nas ruas sendo quem nós somos é uma forma de resistência contra a opressão”.

Como observa Natividade e Oliveira (2013), a reformulação da concepção de pecado para os “grupos inclusivos” atrelam ao seu discurso teológico a homofobia, a discriminação, o ódio racial e qualquer outro tipo de desigualdades social que oprima os indivíduos e grupos sociais. O comentário da moderadora mantém uma dimensão do cuidado como um trabalho em que reconhece o sujeito, mesmo que este não possa retribuir à altura a dádiva recebida (Mauss, 2003). Essa é uma das estratégias do projeto de expansão da MCC ao redor do mundo, “a diferença” desse acolhimento. Ao revistar as teorias do cuidado, Alain Caillé (2014) enfoca as relações sociais que não mantêm uma assimetria entre esses sujeitos, como o momento em que o cuidador não pode receber uma contradádiva de um enfermo. Nessa concepção ampliada do paradigma da dádiva maussiana, podemos ver o cuidado não como uma vocação, mas um trabalho em que o sujeito da dádiva confirma sua generosidade-geratividade, o seu reconhecimento como sujeito e a reciprocidade na assimetria entre cuidador e cuidado, já que o primeiro pode perceber sua “vulnerabilidade futura e antecipar os cuidados”(Caillé, 2014, p. 55). O “acolhimento” entra em cena no discurso da moderadora como a prática que encara a diversidade sexual como positiva e como um dom divino, sobretudo diante dos discursos religiosos que os colocam como ameaça.

Na sequência, a moderadora relatou a sua trajetória individual a partir de questões ligadas à orientação sexual, à relação familiar, à religiosidade e à MCC:

Vocês devem saber que a igreja católica não gosta muito de mulheres. Tudo bem se você puder gerar bebês, mas, se você não puder ou não quiser, é um problema. Eu saí do armário para os meus pais quando eu tinha treze anos. Foi uma época difícil. O meu pai faleceu pouco tempo depois de eu ter saído do armário. Eu descobri que Deus me amava, não importava que a igreja dissesse que Deus não me amava. Eu sabia que eu poderia ouvir Deus, mas eu não sabia como fazer isso. Eu cheguei a pensar em ser freira. Mas aquilo que eu sei hoje de mim mesma é que não seria uma boa ideia. Eu ouvi falar da ICM lá na época dos meus 24 e 25 anos. Como vocês disseram aqui no momento anterior, eu me senti preenchida. Em primeiro lugar, como mulher, eu descobri que poderia fazer coisas, ter cargos, pregar, estar no púlpito e fazer coisas que na Igreja Católica não seria possível. Como lésbica, eu poderia estar segura, orgulhosa e inteira como muitos de vocês aqui. (Caderno de campo, 9 nov. 2019).

A passagem e a experiência religiosa no catolicismo constituem o seu *self*(Birman, 1991), assim como o de outros sujeitos inseridos na ICM-Rio cujos percursos religiosos colocam a diversidade sexual como “antinatural” e como uma “categoria de segunda ordem” (Natividade, 2008). Quando Cecilia Eggleston indica que “sair do armário” em seu relato, ela constitui em

sua narrativa uma metáfora daquilo que está “dentro” e “fora” do armário. As formas danosas podem ser lidas através da epistemologia do armário, proposta por Eve Sedgwick (2007). Nesse caso, sair do armário encara tomar conhecimento sobre a sexualidade de tornar público o “desejo pelo mesmo sexo”, sobretudo, e sua recusa em um determinado contexto social (Sedgwick, 2007). O discurso da moderadora expressa o ato de tornar pública a sua orientação sexual como lésbica e o modo como essa forma reverbera na sua vida religiosa, principalmente por ocupar na hierarquia religiosa a representatividade global da MCC. Observa-se também uma “forma específica de fazer religião” que produz e faz circular discursos que mobilizam “instâncias do político, do religioso e da sexualidade [...] para afirmar uma unicidade semântica”, nomeados de *discursos trípticos* por Paula Montero *et al.* (2018, p. 141-142).

Continuando a recepção, as lideranças da ICM-Rio se dirigiram ao púlpito para pronunciar as suas boas-vindas à moderadora. Naquele momento, ressaltaram o quão importante era receber a distinta representante da instituição, cujo destaque em nível global seria vital para a visibilidade da prática religiosa da ICM-Rio. A posição da “única mulher lésbica líder de uma igreja no mundo”, lida por um dos presentes, demarcou a singularidade para a comunidade religiosa naquele momento, além de apontar a transformação do “chamado da obra religiosa” como marca distintiva de “voz no mundo” na trajetória da ICM desde a sua fundação. Em seu discurso, uma das lideranças da ICM-Rio ressaltou a presença da moderadora como reflexo de transformação social e salientou o conflito da ICM com outros segmentos cristãos e sociais, que colocam a instituição religiosa como “aberração” ou “fábula”, gerando uma imagem pejorativa. Uma das indagações das pessoas que visitam a ICM-Rio pela primeira vez era se ali se tratava de uma ONG, algo que ouvia das lideranças religiosas com frequência durante o trabalho de campo.

A imagem negativa da instituição foi também exemplificada pela fala do educador comunitário da Equipe do Laboratório de Pesquisa Clínica em IST/Aids (Labclin-Aids) do INI/FIOCRUZ. Em sua participação no evento citado, ele contou que, em uma tarde de 2006, ano de fundação da ICM na cidade do Rio de Janeiro, enquanto assistia à televisão com um amigo, viu uma reportagem em que o apresentador do programa ofendera a instituição. Os insultos sofridos por aquele espaço religioso, com o qual podia se identificar, teriam gerado curiosidade no educador. Com o passar dos anos, ele e o amigo passaram a frequentar de forma espaçada os cultos e atividades da ICM enquanto não membros. Ele relatou: “Desde a primeira vez que aqui estive fui buscando a representação para falar desse mal [HIV/Aids] que está acometendo a nossa comunidade”. Também fez referência ao trabalho direcionado ao aconselhamento das formas de tratamento e prevenção entre a comunidade religiosa. Através dos eventos nesse

espaço religioso, o educador mobiliza as pessoas, convidando-as para participar das pesquisas e dos encontros na Fiocruz:

Pelo menos uma vez por ano nós fazemos um evento de prevenção aqui no salão. Esse ano vai ser aproximadamente no dia 1 de dezembro, que é o dia internacional da luta contra a Aids. Eu tenho o prazer de dizer que algumas das pessoas que estão aqui hoje fazem parte de alguma das nossas pesquisas. Inclusive de pesquisas que hoje já fazem parte de política pública para complementar o nosso sistema de saúde. Hoje aqueles que passam pela ICM-Rio, de alguma forma, são convidados a participar das nossas pesquisas, dos nossos encontros lá na fundação. É claro que nós fazemos alguns eventos sociais para que eles possam conhecer sem ter o peso da questão da saúde (Caderno de campo, 9 nov. 2019).

A equipe de educadores do INI é composta, segundo o *site* da instituição, por “mulheres transexuais e travestis e jovens gays de periferia, [que] planejam as atividades enfatizando a vinculação, o acolhimento e a retenção das participantes dos projetos e a criação de ambientes não discriminatórios” (FIOCRUZ, 2019). A ICM-Rio tem participação no acompanhamento comunitário das pesquisas clínicas (FIOCRUZ, 2019) e ocupa uma cadeira no Comitê Comunitário Assessor (CCA), enquanto representante da sociedade civil. Ao término de sua fala, o educador distribuiu um envelope que continha o material de divulgação sobre os programas de tratamento e não infecção de HIV/Aids e informações sobre PrEP e PEP²⁷, acompanhado de preservativos e lubrificantes. A elaboração de atividades de prevenção na ICM-Rio, como o Chá das Drags²⁸, e a divulgação de panfletos em uma mesa no salão da igreja sobre os programas de prevenção a DST/Aids direcionam a comunidade para a participação em políticas públicas de saúde. Essas políticas de prevenção perpassam a ação pedagógica do preservativo observada desde a década de 2000 (Cunha, 2018), a qual passou de uma perspectiva da responsabilidade individual para um cuidado público que busca a participação dos sujeitos na eficácia do controle social a partir de uma perspectiva da vulnerabilidade e dos direitos humanos (Calazans; Pinheiro; Ayres, 2018).

A moderadora tomou a palavra e avançou o debate. Relatou o silêncio das igrejas cristãs a respeito do HIV/Aids, que acaba por promover a disseminação de estigmas, perguntando

27 Os materiais que continham no envelope versavam sobre o tratamento de HIV/Aids e informavam sobre a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e a Profilaxia Pós-Exposição (PEP). Quanto à Prep, havia o entendimento de que grupos-chave como homens gays, pessoas transexuais e travestis, profissionais do sexo e pessoas em relacionamentos sorodivergente (uma pessoa infectada, outra, não), seriam beneficiados com a medicação de prevenção ao HIV-Aids. A PEP, por sua vez, indicava o uso de medicamento antirretroviral para pessoas detectáveis para o HIV/Aids, sendo importante para o controle da carga viral na corrente sanguínea, impossibilitando doenças oportunistas. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-e-entre-prep-e-pep#:~:text=A%20PEP%20%E2%80%93%20Profilaxia%20P%C3%B3s%20Exposi%C3%A7%C3%A3o,ocupacional%20\(com%20instrumentos%20perfurocortantes%20ou](http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-e-entre-prep-e-pep#:~:text=A%20PEP%20%E2%80%93%20Profilaxia%20P%C3%B3s%20Exposi%C3%A7%C3%A3o,ocupacional%20(com%20instrumentos%20perfurocortantes%20ou). Acesso em: 12 dez. 2019.

28 Evento promovido de forma periódica pela ICM-Rio que conta com apresentações de performances de *drag queens*.

retoricamente às pessoas presentes: “Em quantas igrejas no Rio você ouve ou pode falar como se pode ter sexo seguro? Ok, fazer sexo?”. Apontou para a porta de entrada, sugerindo que a possibilidade de um debate sobre sexo seguro não é um “fardo dogmático”. A noção de sexo seguro em sua fala perpassa a criação de uma resposta à epidemia de Aids de ativistas LGBTQIA+ como uma estratégia de prevenção como cuidado coletivo e recíproco, diante da noção do sexo gay como perigoso, dos homossexuais como um “grupo de risco”, observada nos EUA na década de 1980 (Pinheiro, 2015). Ao falar sobre os cuidados nas relações sexuais, afirmou que sua experiência na ICM teve um poder de transformação social e ganhou destaque, servindo de exemplo para elucidar a função de seu cargo na instituição.

A próxima liderança da ICM-Rio abordou entrada recente na pastoral antirracista, intitulada Pessoas Afrodescendentes e seus familiares (PAD)²⁹. Em sua fala, atentou para a necessidade de discutir o racismo em conjunto com a diversidade sexual, sendo a ICM-Rio uma das pioneiras dessa intersecção. Iniciado no ano de 2010, o PAD aborda questões relacionadas à diversidade cultural a partir da perspectiva das relações étnico-raciais. Em cada edição do evento, palestrantes de coletivos e do movimento negro, pesquisadores, representantes de políticas públicas governamentais e ligados a ONGs são chamados para debater temas contemporâneos. Além dessas mesas de conversa, também conta com cinedebate, apresentação de danças e músicas, performance *drag*, rodas de conversa e o Sarau da Consciência Negra. Essas atividades foram citadas pela liderança religiosa, que aproveitou para divulgar o *Culto da Consciência Negra*, além de atentar para a necessidade de discutir racismo e espiritualidade nas igrejas cristãs. Sinalizou também a importância da presença de mais pessoas negras na ICM-Rio na membresia e em cargos de liderança religiosa, definindo a instituição um ponto de referência na junção do antirracismo e uma espiritualidade sadia

O comentário da moderadora a essa questão foi elaborado a partir do passeio com as lideranças pelo centro da cidade do Rio de Janeiro. Esse percurso turístico e histórico possibilitou que ela conhecesse a constituição da estrutura social brasileira marcada pelo racismo, que perdura desde o período colonial. Inclusive, em seu relato, chegou a falar que conheceu uma “pequena África”, a partir dos aspectos arqueológicos da escravidão demonstrados em locais visitados que eram de comercialização e de depósito para os escravizados. Por isso, indicou a criação do *Ministério de Pessoas Afrodescendentes* como uma das ações da ICM-Rio no

²⁹ Iniciado no ano de 2011, o PAD aborda questões relacionadas à diversidade cultural a partir da perspectiva das relações étnico-raciais. Em cada edição do evento, palestrantes do movimento negro são chamados para debater temas contemporâneos e participar de um cinedebate e do *Sarau da Consciência Negra*. Nesse momento os símbolos nas vestimentas, a ornamentação do templo e as “músicas seculares” que remetem à diversidade étnico-racial fazem parte do evento.

enfrentamento ao racismo institucional da sociedade brasileira. Também atentou para a voz de denúncia como marca distintiva de atuação da MCC no mundo e citou o seu posicionamento, enquanto líder global da MCC, à declaração racista proferida pelo Presidente Donald Trump em relação aos imigrantes mexicanos após a posse presidencial (EXAME, 2019). Após finalizar a sua participação naquela noite, colocou-se à disposição para denunciar e resistir ao agravamento das “injustiças sociais” no Brasil.

A visita da moderadora naquela noite estabeleceu uma relação entre a comunidade local e a representação de um movimento religioso global. Quando a moderadora faz perguntas aos presentes, acaba por construir redes locais de *vidas imaginadas* a partir de um determinado contexto social (Appadurai, 2004). Sua interpretação das respostas formuladas, seja em palavras, seja em frases repletas de sentidos diversos, estabeleceu um ponto de contato relevante para o entendimento da moderadora sobre a ICM-Rio. Ao explanar a própria vida, procurou se aproximar das experiências narradas pela comunidade local sobre o que é viver na ICM e na cidade do Rio de Janeiro.

Na apresentação da ICM-Rio à moderadora, as lideranças religiosas procuraram transferir imagens de sua imaginação; assim, passaram a produzir um “contexto em vez de [serem] predominantemente determinados pelo contexto” (Appadurai, 2004, p. 258). Articular e vincular respostas religiosas ao enfrentamento do HIV-Aids e da questão de preconceito e discriminação étnico-racial são formas de apresentar os seus engajamentos e suas parcerias nesse contexto social. Assim, as experiências de atuação engajada se mostraram, nesse fluxo cultural entre o “local” e o “global”, formas de ativismo político promovidas e estimuladas em dado contexto social que se insere em uma rede religiosa transnacional.

NOTAS FINAIS

Dentre a variedade de significativas experiências, a viagem da moderadora Cecilia Eggleston ao Brasil toma corpo na carta endereçada, primeiramente, à reunião do Conselho Administrativo (MCC, 2019c) da MCC, no dia 3 de dezembro de 2019. Nesse documento, evidencia a importância da dimensão religiosa e social da inclusão em um país onde as questões, em suas palavras, de “suporte prático, como comida e moradia”, são urgentes. Havia ainda o conselho que dizia ser de suma importância “oferecer um espaço espiritual seguro”, ressaltando ainda que “nossas igrejas no Brasil são muito ativas neste ministério” (MCC, 2019c). Em sua

carta, ressaltou a questão política, ao narrar que ouviu das igrejas “a luta que elas enfrentam contra líderes políticos hostis e desafios do fundamentalismo religioso”. Frente a esse contexto, utiliza a palavra-chave “resistência” para caracterizar a atuação das igrejas, afirmando, já ao fim, que as igrejas no Brasil “são reconhecidas como parceiras importantes no combate ao preconceito e à opressão violenta” (MCC, 2019c).

A apresentação da moderadora em sua visita ao Brasil, especificamente na ICM-Rio, buscou entender representações individuais e coletivas de imaginar e sentir a comunidade de forma singular. Exerceu, a partir das perguntas ao público, possibilidades de vidas passíveis de serem comunicadas e expressadas em linguagem traduzível a partir de representações locais (Appadurai, 2004). Essas perguntas se alinharam, em termos de referências, com os questionamentos presentes no levantamento de escuta global das igrejas vinculadas à MCC. Além disso, a leitura produzida pela moderadora aproximou a sua experiência, também localizada, ao elaborar uma imaginação da *comunidade de sentimento*, da denominação nacional. Ao se referir à sua imaginação, a moderadora toma a resistência e o “acolhimento”, ou melhor, o cuidado, como possibilidades de representações dessas vidas imaginadas. Ao relatar a sua biografia, vinculou os significados de sua experiência familiar e religiosa, descrevendo como isso impactou a sua vida. Sua inserção na MCC, portanto, representou uma maneira positiva de unir essas experiências, além de significar a resistência e o cuidado também em outras vidas de forma desterritorializada.

Por sua vez, a participação da delegação brasileira na Conferência Geral representa a constituição de um projeto a partir da circulação de pessoas, imagens e ideias desterritorializadas. Os representantes da ICM-Brasil exerceram um fluxo cultural de representações, por compartilharem ações e mobilizações de relevância para o projeto local, além de construírem uma rede de atuação em uma comunidade imaginada transnacional. Por outro lado, essa manifestação do transnacional esteve presente nos discursos imagéticos de vidas permeadas por possibilidades imaginadas específicas (Appadurai, 2004). Essas maneiras de projetar uma história compartilhada influem, nas experiências locais, as formas de ação e mobilização religiosa e secular.

A ICM-Rio busca expandir sua legitimidade e sua visibilidade transnacional, ao apresentar à moderadora as redes de parcerias travadas e ao sinalizar as tentativas de capilaridade da instituição, sobretudo em relação às questões travadas entre vida religiosa, HIV-Aids e raça, tensionadas no contexto brasileiro contemporâneo. No caso das tecnologias de prevenção ao HIV-Aids, observa-se uma estratégia religiosa de discussão, informação e parcerias público-privadas voltadas ao sexo seguro que não perpassa os estigmas associados à doença. A prática

religiosa antirracista se mostrou a partir das ações pedagógicas, como rodas de conversas, saraus literários, entre outras atividades que mobilizaram questões étnico-raciais. Essas maneiras de ativismo político informam como a instituição religiosa procura fomentar e incentivar discussões que compartilham e alargam o diálogo de experiências individuais e coletivas. Dessa forma, a ICM-Rio procura compor uma agenda global de resistência e cuidado, ao aglutinar experiências localizadas que possibilitam imaginar maneiras de engajamento em diferentes contextos transnacionais.

REFERÊNCIAS

1. APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema, 2004.
2. BÁRCENAS BARAJAS, Karina Berenice. **Bajo un mismo cielo**: las iglesias para la diversidad sexual y de género en un campo religioso conservador. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2020. Disponível em: <https://www.iis.unam.mx/difusion-publicaciones-libros/>. Acesso em: 30 set. 2020.
3. BIRMAN, Patrícia. Relações de gênero, possessão e sexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 37-57, 1991.
4. CAILLÉ, Alain. Dádiva, care e saúde. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 16, n. 36, p. 42-59, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/L75H3FqCbHkctPd hfvYzkkq?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
5. CALAZANS, Gabriela Junqueira; PINHEIRO, Thiago Félix; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Vulnerabilidade programática e cuidado público: panorama das políticas de prevenção do HIV e da Aids voltadas para gays e outros HSH no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 263-293, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/bfYWcm96qhvs45Rby64xzgh/>. Acesso em: 25 nov. 2020.
6. EXAME, 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/trump-diz-a-democratas-estrangeiros-que-voltem-a-seus-paises/>. Acesso em: 02 mai 2020.
7. FIOCRUZ, 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/hiv-aids-fiocruz-recebe-o-premio-community-engagement-award>. Acesso em: 30 abr. 2020.
8. GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência sentido, poder e identidade. *In*: Geertz, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. p. 149-165.

9. MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.
10. MCC. 2019a. Disponível em: <https://www.mcccchurch.org/listening-tour-report-part-3-pa-th-forward/>. Acesso em: 20 set. 2020.
11. MCC, 2019b. Disponível em: <https://www.mcccchurch.org/files/2019/03/Rev-Elder-Cecil-ia-Eggleston-Video-Transcript.pdf> Acesso em: 20 set. 2020.
12. MCC. 2019c. Disponível em: <https://www.mcccchurch.org/moderator-reflection-general-than-ks-special-thanks-to-brazil/>. Acesso em: 22 dez. 2020.
13. MCC. 2004. Disponível em: <https://www.mcccchurch.org/overview/history-of-mcc>. Acessado em: 20 mar. 2020.
14. NATIVIDADE, Marcelo Tavares. “**Deus aceita como seu sou?**”: a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia e Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
15. NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.
16. MONTERO, Paula *et al.* Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 24, n. 52, p. 64-131, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/TrCF6zMf8Y7B95WHVJkVFf/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2020.
17. PINHEIRO, Thiago Félix. **Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/Aids**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Medicina Preventiva) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-14092015-092808/pt-br.php>. Acesso em: 25 set. 2020.
18. SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. Trad. Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. In: ABELOVE, Henry *et al.* **The lesbian and gay studies reader**. New York; London: Routledge, p. 45-61, 1993.
19. SEGATO, Rita Laura. **Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização**. Departamento de Antropologia, Brasília, Universidade de Brasília, 1997.
20. SILVA, Aramis Luis. Brazilian Gay Pastorate in mission to Cuba: shaping a transnational community of speech. **Global trajectories of Brazilian religion**, 2020. p. 71-84.
21. WILCOX, Melisa. Of markets and missions: the early history of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches. **Religion and American Culture: A Journal of**

Interpretation, Berkeley: University of California Press, v. 11, n. 1, p. 83-108, 2001.

22. WILCOX, Melisa. Innovation in exile religion and spirituality in lesbian, gay, bisexual, and transgender communities. *In*: MACHACEK, D. W; Wilcox, M.M (org.). **Sexuality and the world's religion**. California: ABC-CLIO, p.325-357, 2003.

Pedro Costa Azevedo

Professor Docente I na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1773-4700>. E-mail: pedro.zevedo@gmail.com